

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de
**Distensões
curatoriais: fluxos
e acasos**

A Concepção artística/curatorial na Produção de Arte, Ciência e Tecnologia

Franciele Filipini dos Santos

UFSM

Resumo

Este artigo realiza uma abordagem crítica reflexiva sobre a concepção artística/curatorial, tomando como ponto de partida questões comuns a atividade de curadoria, discutindo em um segundo momento, a partir de entrevistas, as especificidades dessa prática na produção de Arte, Ciência e Tecnologia. Particularidades que apresentam o Ciberespaço como um espaço de criação/exposição em potencial para se pensar a prática curatorial, a fim de apontar possíveis caminhos de atuação.

Palavras-chave

Ciberespaço; Curadoria; Arte, Ciência e Tecnologia.

Abstract

The present paper introduces a critical reflective approach to artistic and curatorial design, taking as its starting point the common issues of curatorial activity, arguing for a second time, from interviews, the specifics of this practice in the production of Art, Science and Technology. Such features make Cyberspace a potential space for creation / exhibition being possible to think curatorial practice in order to identify possible paths of action.

Keywords

Cyberspace; Curator; Art, Science and Technology.

Concepção artística/curatorial

A atividade de curadoria transforma-se, expandindo o entendimento sobre o papel do curador, de “zelar pelos bens e interesses dos que por si não o possam fazer” (Barbosa, *In SANTOS*, 2009:34), para o entendimento da figura do curador como àquele que deve transitar “entre o evento, os artistas, o público e a cultura” (Barros, *In SANTOS*, 2009:33).

É válido dizer que, a atividade da curadoria hoje, compreende desde a seleção de obras dentro de um recorte proposto, de se ter ou não um tema delimitador, a articulação das obras com o espaço da Mostra, o diálogo entre as próprias obras, a problematização de conceitos presentes nos trabalhos, até a montagem da exposição, a manutenção das obras, a elaboração de textos de apresentação e divulgação, a fim de proporcionar maior proximidade obras-público. O curador antes de estabelecer um discurso fechado em si mesmo, deve levantar dúvidas, pontuando algumas questões e sugerir outras tantas.

*O curador seria aquele que busca uma (des) conjunção de olhares, através de uma seleção (ou não seleção) de obras que vão se justapor ou contrapor, apontando questões, colocadas através dos trabalhos artísticos, que ele também gostaria de trazer, ou recolocá-las aparadas em outras. Indagações que gerem coceiras de prazer ou de dor, a compartilhar. (Prado, *In SANTOS*, 2009:35).*

Questionamentos que podem ser suscitados por meio de estratégias no momento de dispor as obras no espaço expositivo (físico ou virtual), buscando através da Mostra desencadear um processo de reflexão, percepção e olhares diferenciados, que venham ao encontro das propostas artísticas, pois, a atividade de curadoria deve dar conta de potencializar a ‘leitura’ de cada obra, assim como do seu todo. Para isso, o curador deve desenvolver um trabalho que valorize a presença de cada obra, sem sufocá-las com sua narrativa, tornando-as ilustrações de um conceito.

Tendo em vista essas considerações a respeito da atividade curatorial, chama-se a atenção para os posicionamentos de Marcos Cuzziol (gerente do Itaulab) e de Guilherme Kujawski (membro do Itaulab) que sugerem ao invés do uso do termo curadoria, a utilização de terminologias como concepção artística, direção artística, entre outros. Termos que não estão associados a ideia de uma figura centralizadora, detentora do poder.

Nesse sentido, adotar a terminologia concepção artística, proposta por Cuzziol e Kujawski, aliada ao termo curatorial (concepção artística/curatorial) têm como objetivo pontuar uma prática colaborativa, exercida por um grupo de profissionais, com diferentes formações e conhecimentos, tanto de ordem intelectual quanto técnica, ambos fundamentais para a realização das exposições.

Recorrer a essa nomenclatura é evidenciar um trabalho que, cada vez mais, é pensado e executado por “uma equipe colaborativa” – expressão frequentemente usada no campo da arte, ciência e tecnologia para falar sobre co-autoria no momento da criação e produção da obra.

Contudo, é necessário dar-se conta que esse modo de trabalho também ocorre no momento de pensar o espaço expositivo, seja ele físico ou virtual. Tra-

zer a público essas obras exigem conhecimentos híbridos tanto quanto em sua concepção/instauração.

Segundo Cuzziol (*In SANTOS, 2009:28*), que juntamente com a equipe do Itaulab concebeu a Bienal de Arte e Tecnologia Emoção 3.0 – *Interface Cibernética* e Emoção 4.0 – *Emergência!* a opção por não utilizar o termo curadoria se dá pelo seguinte motivo:

(...) esse vem sendo um trabalho executado a muitas mãos, o que me parece apropriado em nossos tempos de web colaborativa. Esse fato não diminui, em hipótese alguma, o respeito que tenho pelo trabalho de curadoria, mas era preciso colocar em prática esse novo modelo.

Conforme as reflexões expostas no livro *Arte Contemporânea em Diálogo com as Mídias Digitais: concepção artística/curatorial e crítica (2009)*, as dificuldades da concepção artística/curatorial, de um modo geral, vão desde a grande quantidade de aparatos tecnológicos para a exposição; seus funcionamentos; proximidade com a linguagem utilizada; adaptação dos espaços físicos existentes; tempo de duração da Mostra (devido a manutenção dos equipamentos, fator que a diferencia das exposições ditas ‘convencionais’); e em alguns casos, na exibição do processo da obra, com a finalidade de elucidar pesquisas complexas, e que aparentemente podem se passar como obras prontas. Outras preocupações devem considerar os custos de montagem e manutenção, bem como “as necessidades ou restrições das instituições que promovem a exposição” (Fraga, *In SANTOS, 2009:42*).

É necessário ressaltar ainda que as concepções artísticas/curatoriais de exposições envolvendo a arte, ciência e tecnologia, exigem uma iniciação tecnológica para que o curador possa transitar com fluência entre artista e obras.

Nesse diálogo entre os territórios da arte, ciência e tecnologia, torna-se importante abordar a curadoria no ciberespaço, levando em conta as particularidades e possibilidades do mesmo, como por exemplo, a interatividade, a instantaneidade, a não-linearidade e a ubiquidade.

Ciberespaço

O termo Ciberespaço é de origem americana e foi empregado pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, no romance “*Neuromancer*” (1984) conforme Lévy (2000). Nesse romance, o Ciberespaço é o universo das redes digitais, um lugar de encontros, de aventuras e de conflitos mundiais, representando uma nova fronteira econômica e cultural, constituindo-se em um campo vasto e aberto, que possui como características a interconexão e combinação de todos os dispositivos de criação, gravação, comunicação e simulação.

Considerando a definição de ciberespaço em “*Neuromancer*”, é válido ressaltar que as idéias de Gibson ultrapassaram os limites da ficção, estendendo-se aos contextos “artísticos, sociológicos e técnicos”, pois, muitas das definições do que é o Ciberespaço hoje, incluem a compreensão defendida em 1984, como é o caso de Leão (2004). Para esta autora, o Ciberespaço é um gigantesco e quase-infinito labirinto de interações da era contemporânea, é um território em constante transformação, ubíquo e irreversível, composto por pessoas (grupos e

instituições), por ambientes híbridos (que integram simultaneamente o real e o virtual) e por sistemas de informações (*softwares* e máquinas).

Tomando o posicionamento conceitual de Leão, considera-se o Ciberespaço como um espaço dinâmico, que se caracteriza pela presença das redes de computadores, dos ambientes virtuais, e das pessoas que participam dessa conexão. Um espaço de comunicação que se expande através das mídias e tecnologias contemporâneas, possibilitando o estabelecimento de relações, buscas, trocas e interações em tempo ‘quase’ real.

O espaço cibernético é um espaço de ligações, atravessado de fluxos que transportam mensagens, palavras, imagens e sons com a rapidez cujo nome em linguagem computacional é “tempo real”. Ligações instantâneas, nunca instáveis, evoluindo sem parar, projetadas em uma espécie de vazio, do qual elas seriam, de algum modo, a textura. (CAUQUELIN, 2008:169)

É a partir da compreensão do Ciberespaço como um espaço de ligações que se alteram continuamente, que se pontua a distinção entre os conceitos de Ciberespaço, ambiente virtual e Internet neste estudo. Para fazer a diferenciação de tais termos, resgata-se o pensamento de Gianetti (2006) que define o Ciberespaço como o espaço virtual criado por sistemas de computação, e a Internet como um sistema de redes de computação ligadas entre si e de alcance mundial, facilitando a comunicação de dados. Parte da Internet é formada pela WWW, um sistema global de hipertexto, que se utiliza da Internet como mecanismo de transporte.

A WWW representa um eixo fundamental para usufruir do Ciberespaço (Lévy, s/d) – posicionamento que reforça as peculiaridades de cada conceito, evidenciando a presença do Ciberespaço por meio da utilização da Internet e mais especificamente da WWW, como é o caso desta pesquisa.

Percebe-se que o Ciberespaço possibilita aos usuários atuarem como co-autores deste espaço, onde não há mais um centro emissor e uma multiplicidade de receptores, dispositivo denominado por Lévy (2000) “Um-Todo”, mas, a introdução do dispositivo de comunicação “Todos-Todos”, possibilitando o acesso à informação e comunicação, proporcionando a oportunidade de que o “usuário-interator” utilize o que está disponível no Ciberespaço, bem como, disponibilize outras informações, alimentando-o com “novos” dados.

É nesse processo de alimentação do Ciberespaço, ou seja, de co-autoria, que se apresentam duas possibilidades de uso deste espaço: o ciberespaço como espaço de divulgação e o ciberespaço como espaço de criação. Classificações estabelecidas no decorrer de minha pesquisa de mestrado e que dialogam estreitamente com as categorizações realizadas por Gilberto Prado (2003), denominadas por ele de *sites* de divulgação e *sites* de realização de trabalhos na rede, respectivamente.

O Ciberespaço como espaço de divulgação, atua como registro dos acontecimentos, divulgando informações e frequentemente a programação de exposições. Nessa categorização, é comum transpor o que existe na realidade vivida para o ambiente virtual, onde o conteúdo disponibilizado remete constan-

temente à obra original, ao autor, e ao espaço físico de exposição, não explorando as questões inerentes ao virtual.

No uso do Ciberespaço como espaço de criação, encontram-se os espaços que disponibilizam trabalhos desenvolvidos diretamente no ambiente virtual, apresentando obras criadas e executadas por meio da linguagem lógico-matemática, resultado de um processo de síntese. A característica principal dessa categoria de uso refere-se especificamente a possibilidade de tomar conhecimento e experienciar obras que existam somente na virtualidade. Suas questões dizem respeito ao contexto específico no qual está inserida, e a virtualidade constitui uma condição *sine qua non* para viabilizar a execução de tal obra.

(...) os curadores de artes em ambientes virtuais devem abandonar, de saída, os tradicionais horizontes de expectativas que costumam guiar a atividade curatorial própria das artes “objetuais”. Trata-se de uma nova realidade que deve ser explorada na sua especificidade. Por exemplo, dada sua estreita relação com a ciência, a arte tecnológica de ponta é inseparável de institutos de pesquisa e de órgãos de fomento, financiadores de projetos. Os novos curadores devem se familiarizar com esse tipo de diálogo. (Santaella, In SANTOS, 2009:60)

Nessa mesma linha de pensamento, Arantes (In SANTOS, 2009) pontua que a realização de uma curadoria no ambiente da rede deve explorar as particularidades da rede enquanto linguagem, incluindo a idéia de curadorias compartilhadas e em processo.

Outra situação a ser pensada, refere-se a presença em uma mesma exposição de obras de arte, ciência e tecnologia e de obras com suportes mais convencionais, pois, se por um lado poderemos ter uma situação enriquecedora, acabando com a distinção das Mostras de arte, ciência e tecnologia e de Mostras de arte contemporânea, para o público podem ser provocados diversos impasses, visto as diferentes solicitações de obra para obra.

Considerações finais

A partir da abordagem sobre a prática artística/curatorial no contexto da produção de arte, ciência e tecnologia, evidencia-se a necessidade de repensá-la, considerando as especificidades das obras, as questões propostas por elas, revendo inclusive as alterações suscitadas no sistema da arte de um modo geral, repensando entre outros papéis, o do curador, bem como, os objetivos das exposições.

Percebe-se que a atividade da concepção artística/curatorial deve explorar as possibilidades de exposição que se apresentam na contemporaneidade, em especial com o Ciberespaço. Condições que nem sempre são empreendidas, visto que, muitas concepções artísticas/curatoriais persistem em ajustar as obras a critérios e modelos de exposição não apropriados ao fluxo e ao processo da produção em questão, o que não favorece a relação obra-artista-público e sua aproximação.

Desse modo, por conseqüência das particularidades das obras de arte, ciência e tecnologia, é importante pontuar duas situações. Uma delas, diz respeito aos artistas que acabam por exercer o papel de curadores nessas exposições, o que ocorre por diferentes motivos: resistência por parte de alguns profissionais que atuam nesta prática; falta de cursos de formação específico; proximidade

dos artistas ao processo de criação e produção, o que facilita a constatação das necessidades e aparatos para expor tais obras, assim como o envolvimento com as questões conceituais inerentes; e o conhecimento parcial da poética e da poética por parte dos profissionais com formação em História, Teoria e Crítica.

A outra situação que se apresenta refere-se à necessidade de se ter posicionamentos também do ponto de vista dos profissionais da História, Teoria e Crítica em relação a essa produção, pois, historiadores, teóricos, críticos, curadores e artistas realizam diferentes abordagens, desencadeando olhares, interpretações e análises que por vezes chocam-se, opõem-se, complementam-se, refletem e enriquecem o campo da arte.

Torna-se visível também que, a partir das colocações realizadas pelos entrevistados participantes dessa pesquisa, não se tem definições de modos de atuação para a concepção artística/curatorial, mas caminhos possíveis, que se encontram em aberto e que podem ser discutidos no site www.virtus.art.br, parte integrante do estudo aqui apresentado.

Quanto ao Ciberespaço, constata-se que o campo da Arte se apropriou de duas maneiras: divulgação – para favorecer o acesso à produção artística, através de ambientes virtuais que disponibilizam textos e imagens; criação – no que diz respeito ao processo poético de alguns artistas, que utilizam o ambiente virtual e os recursos tecnológicos como sistemas para a criação de seus projetos.

Ambas contribuem para o campo da arte, mas é nessa última situação, de criação, que é proporcionado ao público um experienciar de questões específicas deste contexto, como por exemplo, a simulação, a imersão, a realidade virtual, a realidade aumentada, a inteligência artificial e a cibercepção. Percepção que compreende a revalorização e resgate do corpo, dos gestos, das ações cotidianas e dos sentidos, a partir de suas conversões em informações/dados, linguagem comum à virtualidade, e que possibilita o prolongamento corpóreo por meio dos aparatos tecnológicos, evidenciando a sensibilidade do sujeito contemporâneo, localizado em um mundo em constante transformação, sobretudo com a presença do ciberespaço.

Referências bibliográficas

CAUQUELIN, Anne. *Freqüentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo: Martins, 2008.

GIANNETTI, Claudia. *Estética digital: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia*. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

LEÃO, Lúcia (org.). *Derivas: cartografias do Ciberespaço*. São Paulo: Annablume, Senac, 2004.

LÉVY, Pierre. A Emergência do *Cyberspace* e as mutações culturais. In: PELLANDA, Nize Maria; PELLANDA, Eduardo Campos (org.). *Ciberespaço: Um Hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

PRADO, Gilberto. *Arte Telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

SANTOS, Franciele Filipini dos. *Arte Contemporânea em Diálogo com as Mídias Digitais: concepção artística/curatorial e crítica*. Santa Maria: Gráfica Editora Pallotti, 2009. 112p.